

# AUTOMAÇÃO E INDÚSTRIA JORNALÍSTICA

Roberto Marx

Mestrando em Eng. Produção — EPUSP

Flexibilidade. Esta parece ser também a palavra chave que permeia o processo de automatização das indústrias jornalísticas no mundo inteiro.

A introdução de terminais de computadores nas redações onde os próprios jornalistas digitam e revisam suas matérias; a possibilidade de editar via terminal cada uma das páginas do jornal, compondo textos, ilustrações e fotografias de diferentes formas até que se chegue ao formato final; e, finalmente a transmissão via satélite de um fac-símile do jornal a uma gráfica "remota" que produz um fotolito e imprime edições simultâneas à matriz, são as principais inovações tecnológicas que tem surgido neste setor a partir da década dos 70 e se intensificado nos últimos anos.

A curto prazo o objetivo é reduzir o tempo de fabricação, colocando os jornais mais cedo nas bancas e nas residências dos assinantes. A médio e longo prazos os objetivos variam segundo a estratégia empresarial adaptada. Uma delas implica no surgimento de jornais de circulação nacional, através de um grande número de edições diárias, impressas simultaneamente em todos os centros importantes do país. É que já ocorre com o "USA Today", distribuídos em 110 mil pontos de vendas no território americano. Para se ter idéia deste número, a Folha de S. Paulo é vendida em aproximadamente 7.500 bancas de jornais em todo o Brasil.

Outra tendência, complementar a esta, é utilizada pela Gazeta Mercantil em São Paulo, que já imprime edições simultâneas em diversas capitais brasileiras mas guarda um caráter diferenciado já que as edições compostas na matriz são complementadas por matérias de interesse regional.

Se de um lado esta flexibilidade se traduz em respostas mais rápidas ao surgimento cada vez maior de novas e

relevantes notícias, de outro as novas tecnologias vem no sentido de possibilitar uma maior taxa de ocupação dos equipamentos de uma indústria jornalística caracterizada tradicionalmente como sendo de capital intensivo e na qual as rotativas funcionam em média somente três horas para a fabricação de uma edição (média dos grandes jornais brasileiros).

Mas o grande problema destas in-

dústrias em termos de organização da produção é a fase anterior à impressão, ou seja, o processo de redação e composição de um jornal que leva em média seis horas e que se caracteriza pelo envolvimento de uma enorme gama de profissionais responsáveis pela produção e processamento das notícias. Para os engenheiros talvez a idéia preta ajude. Podemos representar esta fase da seguinte forma:



Na verdade a redação é uma fábrica em que a matéria prima e o produto final é informação. Não muito diferente de um departamento de análise de sistemas em uma empresa qualquer, porém com algumas diferenças importantes e dentre elas talvez a principal é de que este centro de informações está integrado e interrelaciona-se fortemente com um processo industrial: a gráfica. Além disso é interessante ressaltar também o alto grau de perecibilidade do produto final. Após 24 horas a utilidade de um jornal reduz-se a quase zero.

Assim, do ponto de vista da Engenharia de Produção cresce o interesse pelos impactos que a automatização acarreta em um sistema de produção como esse, que a exemplo de outros como a indústria automobilística, tem-se utilizado da microeletrônica para aumentar o grau de flexibilidade de suas linhas.

Um dos objetivos de um estudo mais

profundo sobre o caso da indústria jornalística é o de identificar e analisar a lógica e o processo de introdução destas tecnologias em um tipo de sistema produtivo pouco explorado pela Engenharia de Produção, de modo a possibilitar a distinção deste processo com os demais em termos de:

— **Mudanças na organização da produção** — como são atingidos os setores de planejamento, programação e controle da produção; controle de qualidade; manutenção e logística em função das novas tecnologias.

— **Mudanças na organização do trabalho** — como os esquemas de divisão de responsabilidades e de tarefas são remanejados em termos de natureza e conteúdo. Impactos sobre o volume de emprego em função da microeletrônica.

— **O papel da Engenharia de Produção** — no processo de escolha, implantação e gestão da nova tecnologia. •